

Fontes periféricas: da invisibilização aos interesses de leitura¹

Tatiane Macena dos Santos²
Liliane do Nascimento Santos³

Universidade Federal de Sergipe(UFS)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

RESUMO

Este trabalho traz discussões sobre a relevância das fontes periféricas nos conteúdos jornalísticos, discutindo não só a lógica hierárquica que naturaliza a invisibilização dessas fontes, mas também a virada provocada pelo surgimento de veículos alternativos e periféricos, que propõem novas lógicas de valorização dos personagens ouvidos. A partir da observação do veículo Periféricos, voltado para a cobertura das periferias de Aracaju, também são feitas inferências sobre as preferências de leitura do público periférico. Em síntese, esse trabalho aponta para a necessidade de estudos do jornalismo voltados para as especificidades do jornalismo alternativo.

PALAVRAS-CHAVE

Fontes jornalísticas; Periferia; Privilégio de fontes jornalísticas; hierarquização da informação; jornalismo periférico

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que é relevante para ser considerado como noticioso? E quem são as pessoas cujas vozes merecem espaço nos noticiários? Essas podem parecer perguntas simples, mas como outros conhecimentos naturalizados, guardam a complexidade do que se esconde a olhos vistos. Tanto no processo de seleção dos acontecimentos, quanto na seleção das fontes de informação, o jornalismo adota tipificações. E a partir dessas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho - Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, email: Tati.macen7@gmail.com

³ Doutora em comunicação social pela Universidade Federal de Pernambuco e professora do curso de jornalismo da UFCA, email: liliane.nascimento@ufca.edu.br

tipificações, a eleição de acontecimentos, orientada pelo que costumamos chamar de valores-notícia (Silva; 2005, Feitoza, 2021), considera não só qualidades pré-valorizadas dos acontecimentos, mas também dos sujeitos.

Listas clássicas de valores-notícia costumam mencionar a proeminência dos sujeitos como um elemento gerador de interesse. Para Galtung e Ruge (1999, p. 67), por exemplo, “quanto mais o acontecimento diga respeito às pessoas de elite, mais provável será a sua transformação em notícia”. O valor também é reforçado em Erbolato (1978), Gislene Silva (2005), Traquina (2005), entre outros.

Na sua sociologia do jornalismo, Herbert Gans (2004), interessado em compreender o que é selecionado como notícia, principia sua análise observando e caracterizando as pessoas que apareciam em notícias sobre os Estados Unidos durante os últimos anos da década de 1960 e os primeiros da de 1970. Em sua sistematização, ele decide separar as pessoas em dois grupos, os conhecidos e os desconhecidos, sendo que o segundo “obtem cerca de um quinto do tempo ou espaço disponível” (Gans, 2004, p. 13, tradução nossa).

Enquanto no primeiro grupo, os convocados respondem por cargos, posições de poder (econômico e político) e profissões, no segundo, costumam servir a outros propósitos. Gans (2004, p. 13, tradução nossa), os divide em cinco tipos essenciais: 1. “Manifestantes, desordeiros e grevistas”; 2. “Vítimas”; 3. “Supostos e reais infratores da lei e de outras normas”; 4. “Participantes em atividade incomuns”; e 5. “Eleitores, respondentes de pesquisas e outros”.

Para Van Dijk (1990), em *A notícia como discurso*, fontes e citações funcionam no discurso jornalístico como elemento de veracidade, entretanto, nem todas gozam do mesmo prestígio. “A hierarquia social parece reproduzir-se na hierarquia retórica da credibilidade e confiabilidade” (Van Dijk, 1990, p. 130, tradução nossa).

Em síntese, apontamos para um processo de seleção que privilegia atores previamente conhecidos e que, por isso, recebem mais espaço na produção jornalística; para uma função privilegiada, de poder e de conhecimento, reservada para esses sujeitos; e, em adição, para a associação entre tais sujeitos e uma retórica de credibilidade e confiabilidade. Tal hierarquia é, ao mesmo tempo, causa do reconhecimento e da preferência por essas fontes, e consequência da retroalimentação de uma retórica que valoriza essas fontes como mais seguras e habilitadas para falar.

Nesse contexto, em que sujeitos desprovidos de poder, são não só menos ouvidos, mas também compreendidos como menos confiáveis, resta questionar o lugar reservado para sujeitos periféricos. Sendo estes não só desconhecidos, mas algumas vezes sequer autorizados a frequentar os espaços tradicionais de poder e de visibilidade.

DISCUSSÃO E REFLEXÕES

O desequilíbrio de forças descrito permite que, ao agir de maneira típica, e tendo como referência os valores da profissão, a imprensa valide discursos hegemônicos (MORAES, 2022, p.16). O processo normalizado de selecionar e valorizar fontes oficiais (que segundo Schmitz (2011), são pessoas em função ou cargo público, que se pronunciam por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos, bem como organizações agregadas) é também um processo de ratificação de privilégios.

Ao passo que as fontes oficiais são amplamente divulgadas pela imprensa, diversas vezes os agentes da notícia ignoram vozes e subjetividades de sujeitos periféricos. Esses apagamentos ocorrem não somente pela preferência da imprensa pelas fontes oficiais, mas também pela não validação de sujeitos periféricos como fontes detentoras de conhecimento e potencialidades, conforme apontado por Rovida (2018).

A autora menciona que os moradores das periferias são considerados pela imprensa como sujeitos “de capacidade intelectual e cultural limitada para opinar sobre qualquer coisa, mesmo que diga respeito ao próprio subúrbio” (Rovida, 2018, p. 8). Ou seja, ainda que estejam diretamente ligados aos acontecimentos noticiados, a imprensa desconsidera as opiniões e vivências da periferia.

Em trabalhos anteriores, analisando a cobertura jornalística oferecida por portais de referência na capital sergipana para o bairro Santa Maria, na periferia de Aracaju, observamos não só a escuta privilegiada de fontes oficiais, mas também o uso reduzido das vozes periféricas e exclusivamente como populares, sem reconhecer, como indicou Rovida (2018), saberes entre os periféricos. Em uma amostra de 47 notícias, para dois portais de referência, apenas sete vozes periféricas foram registradas e todas como fontes populares (Santos; Feitoza, 2023).

A invisibilização de fontes e vozes, presente na cobertura de tantas outras periferias, junto com os enquadramentos e a seleção das temáticas, contribui para um cenário de baixa conexão entre sujeitos periféricos e conteúdo jornalístico hegemônico.

Também em publicações anteriores (Santos; Feitoza, 2024), destacamos dados de pesquisa relacionada à mesma comunidade, mas dessa vez analisando a recepção do público para a cobertura recebida.

Perguntamos à comunidade sobre a relação com a mídia hegemônica, em diversos aspectos, entre os quais a representatividade. Questionamos, entre outras, se o bairro era bem retratado e se os indivíduos, em particular, se sentiam representados. “Para as duas perguntas, 89,5% dos respondentes afirmou que o bairro e elas mesmas não se sentem representadas” (Santos; Feitoza, 2024, p. 3).

A reduzida representatividade, ao passo que cria invisibilização e estereótipo, é combustível para o surgimento de veículos jornalísticos alternativos e periféricos. (Rovida, 2018, p. 54)

Se o diagnóstico da ausência de vozes e perspectivas diversas das periferias na produção jornalística hegemônica é a motivação desses jornalistas periféricos, a saída encontrada para apresentar uma outra forma de narrar as periferias é o que os reúne nesses projetos coletivos.

Além dos resultados obtidos no âmbito da pesquisa, a experiência jornalística também tem sido aliada na observação da relação entre sujeitos periféricos e sua aparição em textos jornalísticos. Na produção de conteúdo do portal jornalístico Periféricos, dedicado à cobertura das periferias de Aracaju, com destaque inicial para o citado bairro Santa Maria, é dada preferência, como em outras produções periféricas, às vozes dos sujeitos locais.

Conforme destacado por Rovida (2018), a diferença entre o jornalismo produzido por veículos alternativos e pelos de referência não se marca pelo modo de fazer ou pelas técnicas produtivas.

A distinção se dá pela hierarquização das informações e pela presença de determinadas vozes ou fontes. Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo, cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional. (Rovida, 2018, p. 56)

O que é desafiador, nesse contexto, não é apenas mudança de perspectiva que passa a compreender os moradores da periferia como protagonistas do discurso sobre si, mas também tornar essa periferia parte do público. Nessa direção, o fluxo de acesso à página, bem como os dados de visualização de conteúdo na página da rede social Instagram, referente ao mesmo portal, ajudam a fazer inferências sobre o tipo de conteúdo de preferência. Em síntese, nos últimos três meses (entre 4 fevereiro e 4 de

abril), o site foi acessado 938 vezes, das quais 422 dizem respeito ao conteúdo do blog, ao passo que o Instagram registrou 39.944 visualizações, entre publicações e stories.

Quanto aos acessos do blog, o post mais acessado foi “Apesar de atuarem como agentes ambientais, catadores de recicláveis não são reconhecidos”, com 115 cliques. Depois dessa reportagem, o post com mais acessos é “Eu tô aqui para falar e ser ouvida”, da seção Protagonistas, com 46, seguida pela fotorreportagem “Ocupar e expressar”, com 45. Os três conteúdos têm em comum a valorização das subjetividades de fontes que dificilmente seriam destacadas pela imprensa tradicional.

Nas redes sociais, os posts com mais acessos são sobre os mesmos conteúdos do site, só que em ordem diferente. O post “Eu tô aqui para falar e ser ouvida” teve 6.671 acessos, ao passo que “Ocupar e expressar” teve 4.800 e um outro post sobre o Periféricos ser finalista do Prêmio Mol de jornalismo teve 3.353. Retirada a excepcionalidade do prêmio, as preferências de acesso e leitura das produções do Periféricos, bem como os comentários deixados nos posts em questão parecem apontar não só para o interesse da periferia de observar novos enquadramentos dos seus temas, mas também o desejo de engajar-se em temas que retratam belezas, personalidades e potencialidades da periferia.

A hipótese que anima o fim dessa discussão e aponta para o surgimento de outras é que sobrecarregado pela constante visualização negativa, os leitores periféricos buscam um jornalismo mais positivo. Em outros termos, sugerimos que além de desafiar as hierarquias de seleção de temas e de fontes, os veículos jornalísticos, voltados às periferias, como é o caso do Periféricos, parecem reduzir a também o privilégio de outro valor-notícia constante, a negatividade.

CONCLUSÃO

Diante desse cenário de narrativas injustas, que iniciativas como o Periféricos, surgem com o objetivo de romper com os “privilégios de versões” e constituir um jornalismo menos desequilibrado e inclusivo. O conjunto das pesquisas e das iniciativas envolvendo jornalismo e periferia no bairro Santa Maria, em Aracaju, aponta para a necessidade de rever o privilégio das fontes, bem como de um novo esforço para a compreensão das suas preferências de leitura.

Para os estudos do jornalismo, as narrativas periféricas impõem o desafio de observar os discursos questionando não só novos valores-notícia, que se podem aplicar,

novos elementos de hierarquização, novas categorias fontes de informação e novos padrões de credibilização e confiabilidade. Por ser um jornalismo que também se aplica com vínculos de pertencimento com a comunidade (Rovida, 2018), esses estudos também podem ser espaço para avançar nas reflexões sobre jornalismo e recepção das informações.

REFERÊNCIAS

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição o jornal diário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

FEITOZA, Liliane. do Nascimento Santos. **Por um tratado da relevância jornalística**. 2021. 308f. Tese (Doutorado em comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2021.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari. **A estrutura do noticiário estrangeiro**: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In.: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. Lisboa: Vega, 1999.

GANS, Herbert. **Deciding what's news**: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek and Time. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2004.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar o jornalismo que desumaniza. Editora Arquipélago, Porto Alegre-RS, 2022.

ROVIDA, Mara. **As periferias pelos periféricos**: em busca de uma outra narrativa. SBPJor, São Paulo, 2018

SANTOS, Tatiane Macena; FEITOZA, Liliane Nascimento. **Jornalismo e periferia**: a cobertura jornalística do bairro Santa Maria em Aracaju. Belo Horizonte-MG, 2023.

SANTOS, Tatiane Macena; FEITOZA, Liliane Nascimento. **Percepção da mídia hegemônica e interesses periféricos**: a relação da população do bairro Santa Maria com a imprensa sergipana. XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã (ABPCom). Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP, 2024.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: Ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis, SC: Combook, 2011. 85p.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade** – estudos em jornalismo e mídia In.: Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**; porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.